



## Dossiê Eliane Duarte

Arte&Ensaio homenageia Eliane Duarte – falecida em 2006, aos 63 anos –, com a publicação de uma poesia inédita de seu irmão, Chacal, a reedição de artigo de Paulo Venancio Filho e breve biografia redigida por Viviane Matesco.

### Esculturas como cicatrizes

Paulo Venancio Filho

A reorganização violentamente desorganizada do tecido, a superfície intumescida, as protuberâncias brilhantes da pele são uma informe e urgente resposta da vida à forma da violência – a escultura de Eliane Duarte se produz como uma cicatriz. De onde vêm essas formas? Não tanto do informe – do contrário da forma –, mas da regeneração macerada da vida, de um impulso tão vital, que ultrapassa a forma organizada da vida e a expõe pelo avesso, desfigurada e monstruosa. Todo corpo que expõe a violência excessiva irrompe e ultrapassa nossa convivência regular com as formas. Num mundo violentamente vulgar, encontramos algo verdadeiramente invulgar, algo autêntico que não falsifica nem edulcora – esses trabalhos são radicalmente contra o *tromp l'oeil* da violência. Essas esculturas, coisas sombrias e desagradáveis, seres, monstruosidades, criaturas da noite, formas subterrâneas, traçam uma verdadeira história truncada e reconstituída da vida. Urgente, sem genealogia ou pré-história.

A cicatriz configura um ponto de interseção; o dentro revirado para fora, a marca indelével da violação da pele e a restituição autêntica e grotesca da vida na carne desfigurada. Cicatrizes criam pré-seres, pré-figuras, pré-criaturas e também anti-seres, anticriaturas,

antifiguras. Como estamos distantes do conforto do literário e do encantamento do fabuloso. Não é fácil ver a crueza imediata e sem disfarces que essas obras-cicatrizes mostram. Aglomerada, a matéria se agrega através de linhas de sutura, o ponto de junção é costura vital, selvagem e primitiva. Esses seres de peles, couros, cera, têm a forma de corpos massacrados; mais do que isso, são corpos feitos de corpos, aos quais a escultura dá uma segunda vida.

Inusitado, bizarro, estranho são palavras apenas aproximativas – e falsas. Também como na caricatura autêntica, o monstruoso que aparece no rosto humano é a premonição da cicatriz, e a deformação busca antecipar pelo grotesco a violência subterrânea e não nomeada. Nas esculturas de Eliane Duarte existe um impulso afim daquele de Goya: “O sonho da razão produz monstros.” Fisionomias, rostos e corpos macerados, mastigados pelo pesadelo da realidade. Carcaças próximas às de Rembrandt, corpos exaustos e sacrificados que não se sustentam, pendurados nas paredes, caídos no chão.

O fantástico das esculturas de Eliane Duarte é ver as formas da razão mascaradas e cuspidas como um chiclete na calçada. Pois como Baudelaire viu em Goya, também aqui “*toutes ces contorsions, ces faces bestiales, ces grimaces diaboliques sont pénétrées d'humanité.*”

Texto publicado no *folder* da exposição de Eliane Duarte na Galeria Anna Maria Niemeyer em 2002

**Matilha**, 2000/2002  
tecido, pigmento e cera  
de abelha  
480 x 220 x 40cm  
(variável)  
participou da mostra  
Galeria Anna Maria  
Niemeyer, 2002  
Foto: Adelman Lapa  
coleção João Sattamini/MAC-  
Niterói



eliane

eliane costura

crog crog crog ...

eliane vê a vida de viés

e não gosta do que vê

eliane explode tudo

catapimba! catapum!

eliane tece a vida divergente

cria bichos, fantasmas e os mantos

eliane faz da agulha sua guia

e da linha sua língua

eliane se recria na arte

eliane de carvalho duarte

crog crog crog ...

chacal rio 28/04/08



**Veste**, 1993  
pigmento, lona e sisal  
180 x 160cm (variável)  
Prêmio Viagem ao Exterior  
no XIV Salão Nacional de  
Artes Plásticas  
Foto: Eduardo Câmara  
coleção: Funarte-RJ

**Sem título**, 2004/2006  
(ao lado)  
cordas, barbante, pigmento  
e cera de abelha  
117 x 15cm e 117 x 10cm  
participou da mostra  
Heterodoxia, 2007  
Foto: Kadu Niemeyer  
coleção particular

## Corpo como pele

Viviane Matesco

Eliane Duarte estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage entre 1987 e 1989. Quinze anos mais tarde, em 2003, já como artista consagrada, realizou individual pelo Projeto Zona Instável nas Cavalariças no mesmo Parque Lage. Entre as duas datas a artista construiu obra e trajetória sólidas, expondo nos principais museus e centros culturais no Brasil e no exterior. Além de inúmeras individuais nas galerias Anna Maria

Niemeyer, no Rio, e Camargo Vilaça, em São Paulo, expôs no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Paço Imperial, Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, Itaú Cultural, em São Paulo. No exterior participou de coletivas no Centro Cultural de Arte Contemporâneo, na Cidade do México; no Museo Alejandro Ottero, em Caracas; no Centro Cultural Culturgest, em Lisboa, Museo del Barrio em Nova York; no Museo de Arte Latino-Americana, em Buenos Aires, no Coconut Grove Center, em Miami; no BildMuseum, em Umeå, Suécia; na Fondation Cartier pour l'art contemporain, em Paris. Suas obras integram as mais importantes coleções brasileiras, como João Sattamini/MAC-Niterói, Gilberto Chateaubriand/MAM/RJ, Coleção do Museu de Arte Con-

temporânea de São Paulo, e internacionais, como Galeria Canvas, no Porto, Coleção Fondation Cartier pour l'art contemporain, em Paris, Bernard Soguel, em Basel, e as coleções Cisneros e Museo Alejandro Otero, em Caracas.

Eliane Duarte começa a destacar-se no cenário artístico quando ganha o 1º Prêmio do Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte, em 1994, com a obra *Veste*. Desde então já aparece em sua poética o sentido de maceração associado à ideia de gerar uma pele. Posteriormente o corte e a costura de tecidos macerados são desenvolvidos em pequenos seres estofados. Os trabalhos eram riscados em tecido, depois de acolchoados e costurados, ganhavam vida em elementos biomórficos.

Quando nos deparamos com os trabalhos de Eliane Duarte sentimos profunda estranheza, uma vez que evocam calangos, tripas e vísceras. No entanto, apesar de repulsivos, juntos adquirem extrema sensualidade. O visceral engloba aí tanto a repulsa como a atração e suspende os limites entre pólos aparentemente opostos. Essa ambigüidade está também presente quando a artista trabalha com a pele de animal, pois procura dar vida à forma ainda no matadouro e, ao preenchê-la com algodão, acrescenta o significado de renascimento: 'pega, mata e come é o ciclo que vivemos, de morte e renascimento.'<sup>1</sup> Se suas formas evocam vísceras, com a crueza de carcaças de animais, a germinação e a renovação orgânica presentes em seus conjuntos sugerem famílias que se multiplicam. A força da produção de Eliane Duarte reside, justamente, na tensão entre pólos opostos, como vida e morte. A artista faz a pele e costura a vida, ou melhor, as passagens que lhe são inerentes.

<sup>1</sup> Eliane Duarte em entrevista a Viviane Matesco por ocasião da exposição nas Cavalariças, em 2003.